

Sexualidade e adolescência: uma análise do pensamento conservador no Brasil

Sexuality and adolescence: an analysis of conservative thought in Brazil

DOI:10.34117/bjdv7n8-089

Recebimento dos originais: 07/07/2021

Aceitação para publicação: 05/08/2021

Diala Keturi Lima Queiroz

Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado
Endereço: Av. Monsenhor Frota, 609 - Centro, Icó - CE, CEP-63430-000
E-mail: diala_ketury@hotmail.com

Antoniél dos Santos Gomes Filho

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará
Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado
Professor substituto da Universidade Federal de Campina Grande – UAE/CFP
Discente de Psicologia na UNINASSAU e Licenciatura em Sociologia pela UNIFAVENI
Endereço: Av. Monsenhor Frota, 609 - Centro, Icó - CE, CEP-63430-000
E-mail: antonielsantos@univs.edu.br / antoniel.historiacomparada@gmail.com

Carla Fernandes dos Santos

Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado
Endereço: Av. Monsenhor Frota, 609 - Centro, Icó - CE, CEP-63430-000
E-mail: carla-5544@hotmail.com

Lielton Maia Silva

Mestrando em Ciências da Saúde pela FMABC
Coordenador do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado
Endereço: Av. Monsenhor Frota, 609 - Centro, Icó - CE, CEP-63430-000
E-mail: lieltonmaia@univs.edu.br

Tadeu Lucas de Lavor Filho

Doutorando e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará
Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado
Endereço: Av. Monsenhor Frota, 609 - Centro, Icó - CE, CEP-63430-000
E-mail: tadeulucas@univs.edu.br

RESUMO

Considerando as mudanças de paradigmas que permeiam a sociedade, quanto as permutas sociais de costumes e as tendências tecnológicas de informação, inquirere saber: Como a sexualidade no período da adolescência é impactada frente os pensamentos conservadores sobre a sexualidade no Brasil? Portanto o presente estudo tem como objetivo discutir, a partir de uma revisão de literatura, como a sexualidade no período da adolescência é impactada frente os pensamentos conservadores sobre a sexualidade no Brasil. O desenho metodológico do estudo, configura-se em uma pesquisa bibliográfica com abordagem

qualitativa. De acordo com a análise da literatura aqui abordada, assim as mudanças na regulamentação do ensino sexual, perspectivas diferentes das atuais divergências no que desrespeito à política sexual em materiais didáticos, diretrizes e programas, este trabalho tende a tanger a relação entre a sexualidade na adolescência e suas relações com o discurso conservador. Tal obra apontou-se como relevante dado a sua importância estratégica para perceber a retomada e o avanço evidente do (conservadorismo) de diferentes variantes neste tempo específico na educação, assim como o assunto da (infância/adolescência) como um todo. Portanto, esse trabalho pôde contemplar seus objetivos ao apresentar a história da sexualidade que pode ser compreendida sob amplas formas, e apontar uma discussão importante sobre a mesma, bem como ressaltado a importância de se estudar mais sobre o assunto e produzir materiais para novas pesquisas, afinal ainda existe tabus que precisam ser quebrados, e não devem prevalecer para que não se torne um obstáculo para liberdade do indivíduo.

Palavras-chave: Adolescência, Desenvolvimento Humano, Sexualidade.

ABSTRACT

Considering the changes in paradigms that permeate society, regarding social exchanges of customs and technological trends in information, ask yourself: How is sexuality during adolescence impacted by conservative thoughts about sexuality in Brazil? Therefore, the present study aims to discuss, from a literature review, how sexuality in adolescence is impacted in the face of conservative thoughts about sexuality in Brazil. The methodological design of the study is configured in a literature search with a qualitative approach. According to the analysis of the literature addressed here, thus the changes in the regulation of sexual education, different perspectives from the current divergences regarding the sexual policy in didactic materials, guidelines and programs, this work tends to touch the relationship between sexuality in adolescence and its relations with conservative discourse. Such work was pointed out as relevant given its strategic importance to perceive the resumption and the evident advance of (conservatism) of different variants in this specific time in education, as well as the subject of (childhood / adolescence) as a whole. Therefore, this work was able to contemplate its objectives by presenting the history of sexuality that can be understood in broad ways, and to point out an important discussion about it, as well as emphasizing the importance of studying more about the subject and producing materials for new research, after all, there are still taboos that need to be broken, and they should not prevail so that it does not become an obstacle to the individual's freedom.

Keywords: Adolescence, Human Development, Sexuality.

1 INTRODUÇÃO

Política, religião, sexo, modos de educação das crianças, entre outros assuntos que estão imbuídos de mitos e tatus na sociedade brasileira. Esses contextos de mitos e tabus são atravessados por diversos pontos, desde o que envolve a falta de conhecimento (psicológico, sociológico, antropológico, histórico, etc.) sobre as temáticas em uma linguagem acessível e de fácil compreensão para a população mais ampla, como também por questões de ordem sociocultural que insere no centro do debate um posicionamento

por uma parte da população brasileira mais tradicionalista, e que em alguns momentos tomam um formato conservador.

Todavia, também é observável que tais temáticas têm ocupado espaços de debate e desconstrução de olhares errôneos, que desembocam na produção de um diálogo aberto, onde as informações são refletidas de modo coletivo e individual. Esse movimento dialógico é oriundo dos movimentos individuais e sociais (Mulheres, Negros/as, LGBTQI+, Pessoas com Deficiência, etc.) que seguem um olhar mais plural e diversos sobre a convivência em sociedade e o reconhecimento das variadas formas de ser e estar no mundo.

Tais proposições podem ser visualizadas em matérias jornalísticas veiculadas por grandes jornais nacionais, a exemplos: Ceará é o 3º do Brasil em número de "povos de terreiro"; Luta por direitos sociais marca 20ª Parada pela Diversidade Sexual de Fortaleza; Com ideais conservadores, bancada católica ocupa posições estratégicas na Câmara; Maioria diz que gênero e sexualidade devem entrar no currículo escolar, diz pesquisa encomendada pelo MEC. Desse modo, entendo que este é um debate posto socialmente e cientificamente, como se verá mais a frente, aponta-se que realizar uma investigação científica, que vise o debate e compreensão de como esses mitos e tabus sociais são construídos faz-se necessário, por um lado, para promover a desconstrução dos mesmos, já que estes envolvem "por parte de quem o discute, uma postura especulativa a fim de demonstrar as ideias que, erroneamente, são incorporadas como verdadeiras [...]" (FURLANI, 2009, p.17), e por outro, para que se entenda de modo mais aprofundado, porém com linguagem acessível a comunidade social e científica; como os debates sociais (em especial os de ordem conservadora) que envolvem a sexualidade podem impactar os processos psicossociais, em especial durante a adolescência.

Assim, compreendo a amplitude da temática, com base no recorte temático, tem-se como tema a sexualidade na adolescência e suas relações com o discurso conservador. Logo, compreende-se que a para os seres humanos é motivo de indagações que perpetuam questões advindas do social e individual, estas por sua vez, promovem uma série de comportamentos e conhecimento. Por isso, o sexo tomado em sua dimensão biológica envolve diálogos que tratam da sua função de perpetuação da espécie humana, até em como esta função é traduzida para o meio social e cultural (FILHO, 2017).

Estudar o tema se mostra socialmente relevante sob a ótica social, haja vista a intrínseca ligação humana com a necessidade de manter relação sexual para socializar-se no meio em que vive. Em outras palavras, além do aspecto biológico de reprodução da

espécie, o sexo consagra a relação social que existe na sociedade, logo, através dele também se pode caracterizar perfis e condutas aceitas ou não em determinada época em que se encontre o debate (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Essas relações também atravessam o âmbito psicológico dos indivíduos. Como destacam Santos e Paranahyba (2018), o indivíduo está ligado a sexualidade e está pode ser encarada de diversas formas, inclusive através de conflitos, comportamentos e atitudes. Logo, dependendo da ocasião/momento em que se encontre uma pessoa com problemas no âmbito sexual é que o profissional da psicologia vai atuar na busca do equilíbrio com vista a proporcionar o bem-estar pessoal.

O tema proposto está inserido em um tempo e um espaço específico, assim, aponta-se que a conjuntura social brasileira está atravessada por ideias conservadoras sobre sexualidade humana, que podem interferir no cotidiano particular do indivíduo, acarretando-lhe influências trazidas de seus arranjos familiares. Esta represália em tratar da questão é perpetuada por gerações que mantem sob rígido tratamento conversas que acabam se silenciando ao medo e vergonha de tratar sob o sexo (CERQUEIRA, 2011).

Considerando as mudanças de paradigmas que permeiam a sociedade, quanto as permutas sociais de costumes e as tendências tecnológicas de informação, inquirere saber: Como a sexualidade no período da adolescência é impactada frente os pensamentos conservadores sobre a sexualidade no Brasil?

Frente a indagação, parte-se do pressuposto que há conflitos discursivos sobre sexo e sexualidade e que estes são disputados por diversos grupos, entre eles os grupos conservadores que tendem a consolidar mitos e tabus sobre a temática. Como aponta Silva et al. (2019), o sexo sempre se mostrou como obstáculo para liberdade de indivíduos, sob ideias ortodoxas na contemporaneidade continua a limitar avanços nas relações humanas ocasionando problemas que partem de isolamentos individuais a limitações estigmas sociais. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo geral discutir, a partir de uma revisão de literatura, como a sexualidade no período da adolescência é impactada frente os pensamentos conservadores sobre a sexualidade no Brasil. E Especificamente: descrever os aspectos históricos e sociais da sexualidade na sociedade brasileira; apontar as características advindas da mudança de paradigmas na juventude brasileira nas questões sociais da sexualidade; e, compreender quais são os aspectos psicológicos que envolvem a questão da sexualidade.

Por fim, vale frisar a justificativa para o desenvolvimento do estudo, que visa trazer contribuições para a psicologia tanto do campo social como individual. Ao tempo

que a psicologia se beneficia do estudo, a sociedade também se torna parte interessada na aplicação dos resultados com vistas a promover relações saudáveis de relacionamentos, sem censura de pensamentos ou condutas (SANTOS; PARANAHYBA, 2018).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A TRANSVERSALIDADE DO SEXO NA SOCIEDADE

A transversalidade entendida como um conjunto de possibilidades e meios de indagar um ponto de vista sob determinada matéria, representa o modo como se estuda, por diversas faces, um mesmo tema. Têm-se que, para atingir a amplitude e abrangência de um estudo faz-se uso da visão holística sob a ótica complexa que a temática possa apresentar, sob as mais variadas circunstâncias, sejam elas temporais sociais ou quaisquer outras (CERQUEIRA, 2011).

Não obstante a complexidade de qual seja a matéria, o estudo deve pautar-se na impessoalidade do pesquisador sem que seja deixado de lado as observações importantes e inerentes à pesquisa. Logo, não há que se falar em parcialidade quando há fatos que, comprovadamente em provas materiais, se demonstram relevantes na discussão com finalidade de proporcionar a efetividade do estudo em questão (CERQUEIRA, 2011).

Para tanto, a questão da sexualidade humana que pode ser entendida como um arcabouço sistêmico de relação existente entre um casal, seja ele do mesmo sexo ou não, vem desde primórdios da humanidade resultando reflexões e ideologias de comportamentos sobre a área. Nesse período, parte-se que a sexualidade pode ser compreendida sob amplas formas em sua análise. Dessa feita, a hermenêutica (modo de interpretação que se atribui à alguma matéria) que possa ser alocada na questão da sexualidade podem suscitar flexíveis e mutáveis conceitos e entendimentos a depender de fatores como externalidades temporais. Em outras palavras, no decorrer dos anos uma mesma população pode mudar a opinião sobre a questão da sexualidade através da mudança de paradigmas (FOUCAULT, 1988).

Inclua-se a tais transformações, em menor grau, o fato de que a sexualidade numa mesma época pode ser vista sob aspectos diferentes, em que nesta sociedade indivíduos pertencentes ao próprio grupo discorrem com pensamentos distintos de seus membros. Basta que fatores internos à pessoa sobressaiam perante a visão de outros membros da sociedade ou coletividade da comunidade onde se insere (CARRARA, 2015).

Todavia, sob outra ótica, e desta vez mais preponderante sob a primeira, mostra-se corrente o fato de que a influência social sobressai frente a individualidade. Isso se

deve ao fato de que o poder político de influência, exercido pela união de pessoas unidas conseguem deliberar sobre questões genéricas em detrimento das particularidades do indivíduo na própria família (CARRARA, 2015).

Observada a questão das diferentes opiniões, faz-se relevante suscitar que um entendimento sob a questão da sexualidade não necessariamente está correto em relação a outra, pois numa comunidade com diferentes indivíduos é normal a divergência entre opiniões. Tal assertiva se comprova a partir do momento que, mesmo diante da maioria, a opinião minoritária deve ser considerada e respeitada por demais integrantes, em especial ao se tratar de matéria de cunho pessoal (SAVEGNAGO; ARPINI, 2016).

Apresentada as descrições sob o respeito que se deve existir na sexualidade enquanto conjunto de ações humanas integradas em seu íntimo aspecto natural, contata-se que na realidade a prática não condiz com experiência favoráveis à divulgação de particularidades de quem tem opinião diversa do conjunto. Contata-se tal fato através de períodos da história que se afastaram à individualidade opinativa com repressão, censura e demais formas de combater a discussão. Com isto, preponderantemente a narrativa história da sexualidade na sociedade tem sido marcada por insolúveis discursões com teor preconceituoso, e até mesmo com volta a questionamentos do que se impôs pela parte dominadora da opinião rígida da sociedade. Logo, em tais casos, não se observa a garantia do direito de se manifestar publicamente sob a questão mesmo entendendo-se como algo íntimo ao indivíduo (SILVA et al., 2019).

Tais motivos para tamanho desconforto por parte de quem, além de não compartilhar, ainda por cima repudia ações como a simples manifestação de opinião e o contraditório se deve ao fato de entender que a moralidade se compromete à medida que a discussão aumenta. Assim, diferenças como o prazer e outras especificidades são tidos como algo imoral às boas condutas de uma sociedade. Para tanto se observa a transversalidade da matéria em relação ao sexo sob a dinâmica da moral, que em momentos específicos e sob determinada ótica, denota a questão com negatividade. Como consequência, nada mais há que se esperar além de castigos, constrangimento individual, vergonha e culpa moral por parte de quem se designa a impetrar contra a ordem tida como certa (SILVA; BORBA, 2018).

Com tais assertivas, pode-se caracterizar que os fatores preponderantes para taxar a sexualidade como algo impuro por parte da sociedade se devem em suma a instituições fortes na sociedade que deveriam prevalecer pelo bem-estar social com vistas a manter harmonia social. Todavia ao contrário do que se propuseram em sua constituição essas

entidades vão de encontro às discussões sobre temáticas que dividem opiniões como a sexualidade (SILVEIRA et al., 2014).

Dentre tais organizações quem compõem a pirâmide estrutural da sociedade, com seus fortes regimentos e princípios, destacam-se as que mantêm forte contradição a questão da sexualidade como: As igrejas, os centros de ensino, o poder público em determinados momentos e primordialmente a família, base da estrutura e formação do indivíduo (SILVEIRA et al., 2014).

2.2 O CONSERVADORISMO DA SOCIEDADE EM RELAÇÃO AO SEXO

A sociedade civil enquanto instrumento de base para a consolidação da convivência harmoniosa da humanidade criou, ao passar dos anos, condutas em determinados conceitos em aspectos das mais diversas áreas. Não obstante, a sexualidade é um dos campos que não ficou de fora da égide dos julgamentos e paradigmas e construídos em cima de empirismo e senso comum. Pode-se destacar que o pensamento predominante na questão da sexualidade, durante a maior parte do período histórico nacional, e por conseguinte advindo de cultura estrangeira, parte plenamente de costumes e modos de entendimento europeu o tema. Logo, o conservadorismo se mostra por sua natureza como defensor de instituições fortes que promove mudanças ociosas em busca da rigidez e em oposição à liberdade de pensamento mais liberal no quesito sexualidade (DIAS; ZANDONADI, 2018).

Assim o conservadorismo no que tange à questão de sexualidade trata a matéria com pudores que descrevem a sexualidade de modo genérico como algo negativo. Ou seja, por meio de avenças do tipo imoral, ou maior ainda, como a repressão e censura o pensamento forte dos conservadores demonstram pouca flexibilidade em assuntos que possam comprometer ao chamado estrutura solida de pilares que sustentam toda a envergadura social construída em valores judaico-cristãos (ROSAS, 2018).

Definido o modelo tradicional indelicado da sociedade em relação ao tema sexualidade, observa-se condutas que caracterizam o conservadorismo no trato da questão em estudo. A exemplo do que se pode observar, constata-se a manutenção de tradições de não poderem discutir o sexo em suas particularidades por se tratar de um tema que causa vergonha devido a postural moral a ser seguida que afasta discussões tidas como fora do costume (ROSAS, 2018).

Tais observações não são difíceis de se constatarem, haja vista a preponderante marca histórica que define a sociedade brasileira como conservadora. Logo, traços

históricos nos define como mantenedores de costumes repressivos em matéria de sexualidade, tal fato no Brasil explica-se pela herança colonizadora de povos com cultura rígida e quase eu inflexível à matéria tida como tabu (COUTO et, al., 2017).

Como consequência do modelo retratado, têm-se fatos naturais originados da postura não liberal como por exemplo a não discussão das questões que envolvem o sexo na vida em seus diversos âmbitos sociais. Ou seja, uma conversa simples que pudesse tratar, mesmo que superficialmente da sexualidade, é suprimida por costumes que herdados de gerações iniciais não combinam com a maturidade para falar sobre o tema (COUTO et, al., 2017).

Atrelado ao problema da falta de discussão, percebe-se que sua ausência se dar na família principal e mais fundamental organismo social, que é responsável por definir a postura cidadã desde sua infância. Assim, é no ambiente familiar que persiste a base do tabu de se falar sobre sexualidade e suas adjacências que envolvem a conversa, por medo, timidez e preocupação de incentivar precocemente ou mesmo não saber a hora correta de se discutir a questão (CARVALHO et, al., 2017).

Posto em prática, tal obstáculo se dar na conjuntura familiar entre os próprios pais com os filhos que não mantêm vestígios de esclarecimentos sobre o sexo e suas características, ressalte-se que esses pais também sofreram o mesmo problema decorrente do silêncio de seus avós. Desta feita, minúcias como a importância do sexo para a própria autoestima, os riscos que ele pode trazer quando não mantido os cuidados de preservação de doenças contagiosas são alguns entre tantos fatores que não são postos em debate (CARVALHO et, al., 2017).

Logo, a manutenção de posturas conservadoras pode acarretar situações onde, um pai ou uma mãe, por não discutirem com seus filhos a sexualidade e os aspectos que compõem o arcabouço a matéria acabam comprometendo toda uma juventude. Em outras palavras, por não haver debate sobre o sexo, filhos podem tornar-se pais precocemente, acarretando problemas de conjuntura social (SPINOLA; BERIA; SCHERMANN, 2017).

No mesmo vértice de obscuridade, e com papel relevante na sociedade, mostra-se o estado, que por manter sua cúpula conservadora, no trato do assunto sexualidade como política pública de estado continua, acaba se omitindo frente a questão social do problema. Com isso acarreta-se distúrbios que podem ser percebidos justamente em sua massa jovem que se torna pais cedo sem estrutura que garanta condições adequadas para cuidar de filhos com qualidade digna (SPINOLA; BERIA; SCHERMANN, 2016).

Em oposição à situação mencionada anteriormente, caso o próprio estado mantivesse ações de incentivo a discussão do tema sexualidade na família, com vistas a quebra do paradigma estigmatizado na cultura haveria possibilidades de trabalhar o controle de natalidade com eficiência e responsabilidade. De outra forma, os benefícios da abertura da discussão do tema gerariam para as famílias e o estado melhorias tanto sociais para o primeiro como economicamente para este (DIEHL; VIEIRA, 2017).

Dessa feita, a união de ações movidas pela busca da inserção do tema na família, com o apoio de política pública, somada a quebra de paradigmas estereotipados na cultura conservadora ocasionariam mudanças positivas para toda a sociedade. Tais benefícios podem custar vantajosos ganhos para a comunidade haja visto a revolução do pensamento antes estereotipado como tabu e o agora como política de instrução pública (DIEHL; VIEIRA, 2017).

2.3 O COMPORTAMENTO DAS PESSOAS DENTRO DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

A sociedade conservadora tem em si pilares que a consolida em suas normas, tais instrumentos são necessários para que a consolidação seja rígida sem flexibilidade a mudanças rápidas. Entre essas organizações, responsáveis por disciplinar e regular as condutas conservadoras, destaca-se a igreja como o instrumento social de maior importância exigir de condutas moralizadoras (CARVALHO; SÍVORI, 2017).

Neste modelo, em relação à sexualidade na família, a igreja, em sua maior parte existencial, mostrou-se disciplinadora do que seria correto ou não em relação ao sexo ditando de modo impositivo as condutas que seus seguidores deveriam seguir. Em outras palavras, não foi dada escolha, ou livre arbítrio, para a tomada de decisões dos fiéis em suas condutas íntimas sobre sexualidade (MOISÉS, 2019).

Os argumentos utilizados para convencer e impor determinadas regras partiram de datas medievais que perpetuaram a era moderna da história, onde se mantém através do conservadorismo presente na sociedade. Assim, desde a definição da igreja como religião obrigatória para o estado, como o catolicismo, em que a mesma foi a religião oficial do Estado até a Constituição Republicana de 1891, tem se de forma absoluta a determinação dos regimentos prescritos (GOMES, 2015).

As justificativas para tais preceitos surgem com a narrativa de que o sexo é manifestação humana que desvirtua o amor ao supremo ser divino consagrado pela igreja. Dessa forma, a sexualidade não poderia corresponder com a existência de discussão, por

receio de haver disputa entre duas vertentes de prazer, logo a única maneira de se obter o amor era através da divindade espiritual segundo as próprias doutrinas da igreja (LEITE, 2017).

Para tanto a contraposição das regras estipuladas pela igreja aos que descumprisse seus mandamentos e outros regimentos eram claramente condenados e apenados pela direção da igreja. Dessa feita, a contrariedade de regras não poderia existir sobre preceitos dos próprios membros em não aceitar o que é contrário às normas religiosas, como por exemplo a discussão aberta da sexualidade (VIEIRA et al., 2016).

Como forma de punição havia castigos e penitências aos que desvirtuassem regras, tais penalidades partiam desde remotas multas pecuniárias, até cobrança de piedades para garantir e perdoar os pensamentos maliciosos dos que insultavam a sexualidade. Assim vista como tabu, o sexo permanece sendo como algo pecaminoso quando praticado antes do casamento, e até mesmo noutro modelo como penitências por atos ou pensamento sexuais sem o consentimento religioso (VIEIRA et al., 2016).

Somado aos regramentos da igreja, deve-se agregar benéfico a presença do jovem na sociedade quanto aos aspectos de amadurecimento em relação ao tema da sexualidade enfrentados em seus grupos, na escola ou universidade. Ou seja, a dificuldade de se falar sobre o tabu do sexo se põe presente em diversos ambientes sociais, não havendo no período conservador, espaço público para tratar da matéria abertamente sem estigmas limitadores (GOMES, 2015).

Do ponto de vista social a opressão, marca exponencial da sociedade em relação ao sexo, deu-se de modo presente com fundamentos pautados na moralidade entendida como bons costumes a serem seguidos. Logo qualquer manifestação contrária poderia ser entendida como desvirtuamento de boa conduta, principalmente se fosse tal ação tomada por parte do sexo feminino (LEITE, 2017).

Quando de uma relação familiar onde os pais não discutem com os filhos a sexualidade, por considerarem uma matéria que possam induzir a sua busca precocemente, os riscos sociais a esta família maximizam-se. Por exemplo, não difícil na sociedade mais conservadora a situação em que as filhas quando por desejo incessante na matéria eram, com apoio de membros familiares, levadas a conventos quando de famílias abastardas financeiramente, e quando pobres essas eram abandonadas e condenadas à prostituição para poderem sobreviver (DIEHL; VIEIRA, 2017).

No caso dos adolescentes homens, esses ao entrarem em período da puberdade com desejos naturais do corpo e descoberta do sexo, partiam a discutir sobre o sexo entre

outros jovens com mais experiência ou então buscar casas de prostituição. Observa-se desde então os riscos inerentes corridos pela falta de instrução, não obstante o acometimento de doenças sexualmente transmissíveis (SOARES; MONTEIRO, 2019).

Em outra esfera de cunho social, a escola, ambiente responsável, junto com a família, pela formação cidadã manteve-se também omissa de suas responsabilidades enquanto formadora de opinião e instrução para futuros cidadãos. Em que pese, a questão da sexualidade na escola foi mantida como matéria inexistente por parte do núcleo pedagógico na base curricular durante todo o período conservador (SOARES; MONTEIRO, 2019).

Confrontando a ideia conservadora da sexualidade o sexo se mostra sobre outra vertente em todos os aspectos sociais no que se refere à era moderna. Assim, sem indulgências por parte da igreja, a mesma passou a tratar a matéria como maior flexibilidade entre seguidores de sua doutrina, já por parte da sociedade, essa se mostra com maior abertura para tratar da questão haja vista as mudanças de paradigmas advindas com a entrada de novas tecnologias de comunicação e acesso a tecnologias que possibilitam adquirir respostas sobre as diferenças que envolvem a sexualidade com baixo custo e rapidez de troca de informações (COUTO et al., 2017).

3 METODOLOGIA

O desenho metodológico do estudo, configura-se em uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Marconi e Lakatos (2017, p. 33) “é um tipo de produção científica que é feita com base em textos, como livros, artigos científicos [...]”. As autoras destacam que na contemporaneidade há predominância dos artigos científicos como fonte primeira para as pesquisas bibliográficas, uma vez que, eles apresentam o conhecimento científico mais atualizado.

O estudo possui uma abordagem qualitativa. As pesquisas desenvolvidas nessa abordagem conforme apontam Flick (2009, p. 20) são “[...] de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida.”. Assim, é possível incluir os fenômenos psicológicos e sociais, que envolvem o gênero e sexualidade humana. Desse modo, faz-se necessário apontar os escritos de Joshua Gamson sobre o uso das pesquisas qualitativas nos estudos de gênero e sexualidade:

A história da pesquisa social que lida com as sexualidades possui elementos que são familiares àqueles encontrados nas histórias dos estudos sobre as mulheres, dos estudos éticos, e assim por diante: é uma história que se entrelaça com a política dos

movimentos sociais, que mantêm cautela quanto às formas pelas quais a “ciência” tem sido empregada contra os marginalizados, e que se mostra particularmente confortável com as estratégias da pesquisa qualitativa – as quais, ao menos, parecem objetivar menos seus sujeitos, preocupar-se mais com a criação de significado cultural e político e com dar mais espaços às vozes e às experiências que foram suprimidas (GAMSON, 2006, p. 345).

Conforme apontado, pode-se inferir que as investigações de abordagem qualitativa são importantes para pensar o campo psicológico e social sobre o gênero e a sexualidade, enquanto fenômenos humanos.

Com base na classificação apresentada por Gil (2009), para o nível de pesquisa, com base no objetivo traçado, as pesquisas de tipo bibliográfica podem ser classificadas como exploratórias. Como escreve o autor:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato (GIL, 2009, p. 27).

Com base nas perspectivas qualitativas e exploratórias é possível ao(s) pesquisador(es) pensar e dialogar sobre a subjetividade humana, analisando e descrevendo possíveis características, compreendendo assim os efeitos e causas dos problemas de pesquisa elencados (FLICK, 2009a; GIL, 2016).

Tendo em vista o desenho metodológico da pesquisa bibliográfica, a seleção das fontes seguiu os seguintes parâmetros (HOHENDORFF, 2014): bases de dados para seleção dos artigos: Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO); palavras-chaves para busca: (01) Sexualidade; (02) Adolescência; (03) Conservadorismo; (04) Brasil. A busca se caracteriza como uma string, onde foi utilizado como operador booleano: and. Entendendo que cada base de dados apresenta suas especificidades de busca, elegeu-se como critérios de inclusão: (01) estudos publicados na íntegra e/ou que disponibilizem o resumo em língua portuguesa; (02) estudos publicados entre os anos de 2014 e 2019; (03) estudos publicados em periódicos científicos brasileiros. Foram elegidos como critérios de exclusão: (01) artigos que se apresentaram na busca, porém não se enquadram na temática; (02) artigos duplicados; e, (03) artigos em língua estrangeira. Destaca-se que, além dos artigos selecionados, também foram utilizados livros e textos jornalísticos para compor o quadro geral do estudo. O material foi analisado

e organizado nas seguintes categorias: (01) Desenvolvimento, Adolescência e Sexualidade e (02) A percepção moderna da sexualidade sob o ponto de vista do adolescente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 DESENVOLVIMENTO, ADOLESCENCIA E SEXUALIDADE

Falar sobre desenvolvimento acaba se tornando um grande desafio pois, é um terreno vasto no qual sua natureza central é a de descoberta, estuda-se, desde a fecundação até a morte e todos os instantes que compõe a vida humana de forma singular. Portanto, é possível definir o conceito de desenvolvimento humano como o estudo das mudanças, avanços, novas aquisições e crescimento sobre o processo que é viver, diz respeito a vida cotidiana com questões que vão desde a aquisição da fala ou do andar, passando pelo processo de aprendizagem escolar e pelas inquietações da adolescência, até as transformações biopsicossociais que a vida adulta e a velhice trazem consigo (XAVIER et al., 2015)

De acordo com Xavier et al. (2015), o desenvolvimento humano possui 3 concepções, entre elas estão o inatismo, onde acredita-se que os eventos que acontece após o nascimento não são relevantes para o desenvolvimento, ou seja, o sujeito seria influenciado apenas pelas qualidades e capacidades básicas do ser humano, praticamente prontas, desde o nascimento. Neste sentido, acreditam que essas crianças não têm como mudar, pois suas dificuldades foram herdadas geneticamente. Já para o empirismo ou ambientalismo, o ambiente influência bastante no desenvolvimento dos seres, assim, o indivíduo seria visto como uma folha em branco onde seria escrita pelo ambiente, desenvolvendo suas características apenas em função das condições presentes no meio no qual se encontra. Tem uma visão do ser humano como passivo e moldado pelo ambiente, tendo como consequência uma definição mecanicista do desenvolvimento e de aprendizagem. Por último o interacionismo, considera que são diversos os fatores constituintes do desenvolvimento humano, está concepção visualiza o sujeito como ser ativo e interativo no mundo, com diversas influências em sua trajetória. Logo, é ser que constrói e é construído na permanente interação dos aspectos biológicos com o meio no qual está inserido.

Deste modo, é perceptível o quão vasto é falar de desenvolvimento e como o indivíduo está sujeito a modificações ao longo do passar dos anos e que o desenvolvimento humano acontecer dos três modos anterior, ou seja o indivíduo já nasce

com suas qualidades (geneticamente) e através do seu contato com a sociedade e outras pessoas ele vai se adaptando, se descobrindo e reconstruído ao longo dos anos o seu conceito sobre si e concepção de mundo, afinal o ser humano nunca para de sofrer mudanças.

O desenvolvimento humano é um processo que dura a vida toda, um conceito conhecido como desenvolvimento do ciclo de vida. Os pesquisadores do desenvolvimento estudam os processos de mudança e estabilidade em todos os domínios, ou aspectos, do desenvolvimento durante todos os períodos do ciclo de vida. São foco dos estudos, os principais domínios, ou aspectos, do eu: físico (crescimento do corpo e do cérebro, as capacidades sensoriais, as habilidades motoras e a saúde), cognitivo (aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade) e psicossocial (emoções, personalidade e relações sociais) (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

No que se diz respeito aos períodos dos ciclos da vida, estão divididos em: Período pré-natal (da concepção ao nascimento), primeira infância (do nascimento aos 3 anos), segunda infância (3 a 6 anos), terceira infância (6 a 11 anos), adolescência (11 a aprox. 20 anos), início da vida adulta (20 a 40 anos), vida adulta intermediária (40 a 65 anos) e vida adulta tardia (65 anos em diante). Embora essa divisão do ciclo de vida em períodos seja uma construção social, não há nenhum momento objetivamente definível em que uma criança se torna adulta ou um jovem torna-se velho (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

As etapas supracitadas é apenas uma construção social para designar fase e estados maturacional que o sujeito encontra, embora acredita-se que não exista um momento certo que demarque a passagem de fases, pois cada indivíduo apresenta de maneira subjetiva seus processos de construção do seu desenvolvimento.

Salles (2005) aponta uma discussão sobre o conceito de infância e adolescência, onde frisa que estas definições nada mais é que uma invenção própria da sociedade industrial, que tornou o jovem dependente dos pais. A criança assumiu uma posição de sujeito puro, assexuada e inocente, essa diferença criada entre criança e o adulto fez com que a adolescência começasse a ser percebida como um período à parte do desenvolvimento humano, afinal havia uma fenda histórica entre os dois períodos. O período da adolescência foi reconhecida e cresceu com a escolarização, que supõe a separação entre seres adultos e seres em formação, esse processo de desenvolvimento iniciou-se nas classes sociais mais altas e estendeu-se para toda a sociedade e se impôs como um modelo que atingiu toda a organização social. (SALLES, 2005).

Mas, apenas no ano 1890 começou a firmar-se o interesse pela adolescência, onde se tornou tema literário e preocupação de moralistas e políticos. É possível caracterizar a adolescência como uma fase da vida que foi se consolidando e se torna um fenômeno universal, com repercussões pessoais e sociais inquestionáveis, passando a ser assinalada como um período turbulento e estranho de caráter individual, que está associado à maturidade biológica, de ordem histórica e social, como também a uma condição específica, a cultura onde o adolescente está inserido (SALLES, 2005).

Na maioria das sociedades modernas, a passagem da infância para a vida adulta é marcada não por um único evento, mas por um longo período conhecido, é conhecido como adolescência, uma transição no desenvolvimento que envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos. Uma mudança física importante é o início da puberdade, o processo que leva à maturidade sexual, ou fertilidade – a capacidade de reproduzir. Tradicionalmente, acreditava-se que a adolescência e a puberdade começassem ao mesmo tempo, em torno dos 13 anos de idade. A adolescência é uma construção social. Esse conceito não existia nas sociedades pré-industriais; as crianças eram consideradas adultas quando amadureciam fisicamente ou iniciavam um aprendizado profissional. Foi apenas no século XX que a adolescência foi definida como um estágio de vida separado no mundo ocidental. Hoje, a adolescência tornou-se um fenômeno global (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Acredita-se ainda que na sociedade moderna, as crianças e os adolescentes inserem-se em classes sociais específicas que aguçam a sua dependência frente ao adulto. Hoje, no entanto, há uma nova forma de prestígio social dessas fases da vida que enfatiza um tratamento igualitário entre adultos, criança e adolescente. O desvelamento desse processo permite diferenciar os contornos que essas etapas do desenvolvimento humano vêm adquirindo atualmente e suas implicações na vida cotidiana.

A puberdade é a fase onde o adolescente passa por alterações físicas dramáticas, essas mudanças fazem parte de um longo e complexo processo de maturação que começa antes do nascimento, e suas implicações psicológicas podem continuar até a vida adulta. Há não muito tempo, a maioria dos cientistas acreditava que o cérebro estava totalmente maduro na época da puberdade. Agora, estudos de imageamento revelam que o cérebro do adolescente ainda é uma obra em andamento. Mudanças dramáticas nas estruturas cerebrais envolvidas nas emoções, no julgamento, organização do comportamento e autocontrole ocorrem entre a puberdade e o início da vida adulta. A imaturidade do

cérebro do adolescente tem levantado questões sobre o grau com que os adolescentes podem ser razoavelmente considerados legalmente responsáveis por seus atos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A palavra adolescência vem do latim *adolescere*, que significa crescer. A partir do século XIX, a adolescência passa a ser reconhecida como um "momento crítico" da existência humana. É temida como uma fase de riscos em potencial para o próprio indivíduo e para a sociedade como um todo, o que hoje chamamos adolescência, pressentida a partir do século XVIII, está associada às novas maneiras de viver no grupo social onde o indivíduo está inserido. Com a industrialização e a instituição de sistemas educacionais obrigatórios, ela pode, finalmente, ser mais observada. Pode-se, então, dizer que a adolescência foi conhecida primeiro pelos educadores (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Segundo Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2010), a sociedade contemporânea ocidental não apenas estendeu o período da adolescência, como também os elementos constitutivos da experiência juvenil e seus conteúdos. Adolescência, hoje, não é mais encarada apenas como uma preparação para a vida adulta, mas passou a adquirir sentido em si mesma.

Não apenas a aparência dos adolescentes é diferente de quando eram crianças, mas eles também pensam e falam de maneira diferente. A velocidade do processamento de informação deles continua a aumentar. Embora o pensamento possa permanecer imaturo em alguns aspectos, muitos são capazes de raciocinar em termos abstratos e de emitir julgamentos morais sofisticados, além de poder planejar o futuro de modo mais realista (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Portanto a maturação do sujeito acaba sendo relativa, e de forma peculiar pois a fase biológica não condiz com seu desenvolvimento social, mental e sexual. Um dos pontos que merecem atenção é a sexualidade e como se dar seu desenvolvimento ao longo da vida, para uma melhor compreensão do assunto.

Paralelamente a estas mudanças e novas percepções, o adolescente enfrentará as contradições expressas no modo como a sociedade encara essa temática da sexualidade. Por um lado, há pressões e limites buscando exercer controle sobre as manifestações sexuais desse período. Por outro lado, a própria sociedade, notadamente através da mídia, põe em relevo temas, mensagens e imagens eróticas e sensuais, associadas ao sucesso, prazer, liberdade etc. Bombardeado de informações contraditórias, às vezes distorcidas e incompletas, muitas vezes, o jovem perde a referência. Conseqüentemente, aumenta a

intensidade de problemáticas como insatisfação nas relações amorosas, sensação de vazio existencial, falta de informação, doenças sexualmente transmissíveis, uso de drogas e álcool, gravidez não planejada, aborto e etc (XAVIER et al., 2015).

Os estudos mostram uma crescente tendência na precocidade das relações sexuais entre jovens. Estudos recentes sobre a sexualidade na adolescência, enfatizam que o tema deve ser tratado em uma perspectiva sócio-cultural, considerando que a sexualidade abrange quem somos, os caminhos que seguimos até chegarmos a ser homens e mulheres, como nos sentimos nesses papéis e representações e como vivemos essas questões nas relações com os outros. Assim, as formas de expressão da sexualidade adolescente são as mais diversas possíveis, bem como os padrões de conduta sexual para meninos e meninas são marcados por grandes diferenças. Embora se tenha avançado nesse campo, mostra que o masculino ainda é definido na relação com à promiscuidade, precocidade e com grande valorização do ato sexual. O feminino mostra uma atividade sexual mais reduzida, menos gratificante e que gera mais sentimento de culpa. Essas diferenças são mais marcantes no início da adolescência, quando se mostram mais estereotipados os comportamentos que a sociedade espera das meninas (XAVIER et al., 2015).

Acredita-se que ainda exista imaturidade presente nos diálogos sobre a sexualidade, embora a sexualidade e a educação sexual é uma questão imprescindível a ser encarada por toda a sociedade, tendo em vista que os meios de comunicação utilizam as questões da sexualidade de forma banalizada, sem contribuir para que o adolescente reflita e possa estabelecer critérios de causa e efeito na forma de encarar e se comportar frente ao exercício da sexualidade.

Outro aspecto a ponderar é a formação de recursos humanos para desenvolver a educação para a sexualidade que, muitas vezes, é efetivada de forma espontânea e de acordo com as próprias concepções dos educadores, de como manobram situações cotidianas. Assim, por falta de preparo técnico e metodológico, transmite aos adolescentes conceitos e representações próprias, sem levar em conta critérios científicos e éticos necessários à formação do jovem.

4.2 A PERCEPÇÃO MODERNA DA SEXUALIDADE SOB O PONTO DE VISTA DO ADOLESCENTE

A falta de preparo para encarar essas mudanças que ocorrem na adolescência provoca nos jovens um comportamento cada vez mais afastado do contexto social moderno. Tem-se uma sociedade moderna de jovens com concepções deturpadas, fora da

realidade. Por isso, há necessidade cada vez maior de uma orientação honesta, clara, direta e descomprometida sobre sexualidade e o contexto social em que ela se insere e é vivenciada. Fica evidente, através das respostas ao questionário aplicado, que os jovens se ressentem da falta de informações sobre sexo.

Com o aparecimento de novas perspectivas de vida com parâmetros modernos e sob novas tendências sociais, as mudanças na discussão da sexualidade tomaram novas formas de interação. Assim, com o surgimento das tecnologias de comunicação a sexualidade antes mantida a distância em seus aspectos restritos, agora se mostra abrangente e repleto de informações que podem chegar com fluidez a quem antes não conseguia respostas para as perguntas que surgiam a partir do tema tabu (LUIZ; NUERNBERG, 2018).

Na família, a maioria dos diálogos sobre sexualidade são voltados às advertências contra DST/AIDS e higiene no período menstrual. A maioria dos pais não reconhece que os filhos necessitam de orientação objetiva e clara, para que estabeleçam critérios de causa e efeito frente aos seus atos, o dialogo entres o adolescente e o os pais é bastante restrito e cheios de tabus, afinal os pais tem vergonha ou acham melhor não se falar sobre sexo e sexualidade com os filhos, deixando os mesmos a mercê de informações conflituosas.

Logo, a relação entre pais antes conservadores na discussão pode ver seus filhos com mecanismos de pesquisas, muitas vezes moveis de rápido acesso e baixo custo à disposição, para compartilhar e trocar informações que antes não era possível obtê-las. Todavia, tais mudanças podem significar riscos para essa juventude desassistida, haja vista os riscos inerentes na rede em que buscam tais informações (SAVEGNAGO; ARPINI, 2018).

Partindo dessa premissa é que deve ser observado pelos pais, antes omissos na questão do dialogo da sexualidade, as fontes e os contatos mantidos pelos filhos no que se refere a interação com membros ocultos e informações desencontradas sem fidedignidade. Ou seja, o que deveria ser completamente utilizado como ferramenta para discussão, requer cautela no uso haja vista os cuidados que devem ser mantidos sem se desmembrar das vantagens advindas das ferramentas tecnológicas (BARREIRAS; RODRIGUES; ANTUNES, 2015).

Agregado ao fator tecnológico na mesma linha de pensamento é possível observar também a mudança de paradigmas sociais sobre a questão da sexualidade e sua discussão na família. Ou seja, abertamente é possível que a discussão dos pais, antes vista como

algo impróprio por motivos morais, passa hoje a ser considerado como matéria dialogável em busca de promover informações básicas como o cuidado que deve existir em relação à prevenção de doenças (TAQUETTE; RODRIGUES; BORTOLOTTI, 2015).

Tal comprovação se dar a partir de momentos familiares em que os pais ao se debruçarem sobre o assunto são questionados pelos filhos sobre questões ligados ao sexo e esses (Pais) naturalmente esclarecem as dúvidas com sensatez. De outra forma, há casos em que os próprios pais indagam os filhos sobre a questão prevenindo-os dos riscos e cuidados (TAQUETTE; RODRIGUES; BORTOLOTTI, 2015).

Os adolescentes, por não estarem informados ou auxiliados pelas informações dos adultos, aprendem a compartilhar informações inadequadas e preconceitos que, somados ao comportamento onipotente característico da adolescência, contribuem para que as experiências sexuais possam condicionar riscos. É fundamental considerar que tanto a família e a escola como os profissionais de saúde podem contribuir para que adolescentes vivenciem a sexualidade e suas relações afetivas de forma satisfatória e sem riscos, vinculada ao respeito mútuo e sem discriminação de gênero.

Tais mudanças se mostram benéficas, pois, antes não era possível observar o mínimo diálogo dos pais com adolescentes na era conservadora. Todavia, há que se ressaltar que permanece enraizadas as amarras psicológicas da vergonha e medo dos pais em tratar de questões sexuais com os filhos mesmo entendendo que é a melhor escolha em detrimento dos riscos de se buscar informações com pessoas más intencionadas e até mesmo desconhecidas (MONTEIRO et al., 2014).

Em todo o caso, somado as vantagens advindas da maior liberdade de se falar sobre a sexualidade, o uso de tecnologias com seus aspectos positivos deve se ressaltar a importância do próprio estado no tratamento da questão. Dessa feita a sexualidade na adolescência não pode ser encarada com obscuridade por parte das autoridades públicas haja vista o desafio de todos em promover a quebra de paradigmas antes limitadores do pensamento humano (MONTEIRO et al., 2014).

Não obstante, menciona-se a questão da saúde pública que envolve toda a matéria, pois, não havendo sob o ponto de vista jovem as necessidades de prevenir gravidez indesejável e doenças sexualmente transmissíveis as consequências serão sentidas por todos. Entre os efeitos surgidos da tal ação por parte do poder público, cite-se: O aumento do número de gravidez precoce sem planejamento familiar e possível necessidade de assistencialismo por parte do governo, além do custo em ter que tratar ser maior do que o da prevenção (REGO; CAVALCANTI; MAIA, 2018).

Sob outra esfera de raciocínio é notório os benefícios de uma efetiva política de conscientização às famílias para que dialoguem a respeito da sexualidade. Tal ação integrada em programa governamental trabalharia com profissionais multidisciplinar em que cada especialista junto a instituições como escola e órgãos da saúde da família desenvolveriam ações planejadas com o foco na prevenção e conscientização da abertura do tema sexualidade (REGO; CAVALCANTI; MAIA, 2018).

Sob tais indagações é possível obter resultados positivos em relação à ultrapassada forma de se tratar como tabu a sexualidade na família. As consequências, como já citadas anteriormente do modelo tradicional, trariam maiores danos sociais para sociedade moderna, pois, com as novas tendências tecnológicas e culturais o arranjo familiar se depararia com obstáculos que não se via até então (FERREIRA et al., 2017).

Portanto, a obrigação de se trabalhar a sexualidade é de todos os membros envolvidos na sociedade, tendo em vista o ganho coletivo de uma efetividade de resultados. Em outras palavras, quando por reunião de esforços da família em dialogar abertamente com os pais e filhos adolescentes, da sociedade com a quebra de paradigmas limitadores da discussão como algo imoral e do governo em incentivar políticas públicas integralizadas de promoção do conhecimento da matéria com vistas à qualidade de conhecimento, todos fazem sua parte e ganham sobremaneira (FERREIRA et al., 2017).

Diante disso o diálogo sobre sexualidade e sexo não deveria ser um tabu em pleno século 21, levando em consideração todas as mudanças que nossa sociedade sofreu durante os anos, antes não haviam informações, hoje as informações existentes são confusas para os adolescentes, que em muitos casos por rebeldia não buscam de fato saber sobre a realidade e dialogar sobre suas dúvidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise da literatura aqui abordada, assim as mudanças na regulamentação do ensino sexual, perspectivas diferentes das atuais divergências no que desrespeito à política sexual em materiais didáticos, diretrizes e programas, este trabalho tende a tanger a relação entre a sexualidade na adolescência e suas relações com o discurso conservador. Tal obra apontou-se como relevante dado a sua importância estratégica para perceber a retomada e o avanço evidente do (conservadorismo) de diferentes variantes neste tempo específico na educação, assim como o assunto da (infância/adolescência) como um todo. Diversos são os estudos existentes acerca do assunto tratado, mesmo assim foi possível verificar a dispersão de assuntos no meio do

âmbito científico, que esporadicamente se comunicam de forma decisiva: a laicidade no âmbito educacional é a problemática da literatura abordada nesta discussão que frisa o cenário político e acadêmico atual.

Contudo, acredita-se que o diálogo permanece significativamente afastados de suas cogitações exclusivas. Deste modo, tentar corrigir essas discussões de forma mais sistemática, o que se caracteriza ainda como uma opção parcialmente original. Além da necessidade concentrada de preencher as lacunas existentes entre os diálogos aqui analisados. Apesar das fontes utilizadas apontar poucos elementos para restaurar a densidade das aparências relativas aos debates sobre educação sexual para crianças e adolescentes ao longo do século, a evolutiva diversificação e disseminação de disposições no espaço de estudo contrasta que a clara, e visivelmente lógica, mobilização alcançada atualmente em torno da agenda conservadora.

De acordo, com o enfoque dos defensores do ensino conservador, existe uma privação no que diz respeito as discussões sobre políticas contra o sexismo, a violência de gênero e a homofobia são denunciadas como censura por pessoas conservadora que se sustenta em crenças religiosas para demonstrar opiniões tida como construtivas sobre a sexualidade normativa.

Os medos morais instigam, por outra parte, ansiedades coletivas e discursos de ódio, contra gays, lésbicas e pessoas trans em geral, e especificamente contra a atuação da “esquerda LGBTQI+” na política nacional, que é construída como “minorias barulhentas”, desviante e ameaçadora, privilegiada, antidemocrática e autoritária, cuja vontade é atribuída a uma maioria nacionalista cristã. As iniciativas pró-direitos LGBTQI+ são vistas como artifício de uma conspiração internacional, e seus autores brasileiros como inimigos internos que anseiam subordinar o projeto nacional os conceitos “alienígenas”.

Lançam desta forma, um marco polarizado que obriga governos (bem como parlamentares e membros do judiciário) e outros atores políticos a se pronunciarem de um lado ou outro da disputa, com grande custo se escolherem o polo não conservador. Portanto, é possível perceber a carência encontrada nos diálogos sobre sexualidade com os adolescentes, e a necessidade de se discutir mais sobre ensinando de forma coerente a desviar-se do conservadorismo que os cercam, propondo diálogos mais abertos e sem tabus.

Portanto, esse trabalho pôde contemplar seus objetivos ao apresentar a história da sexualidade que pode ser compreendida sob amplas formas, e apontar uma discussão

importante sobre a mesma, bem como ressaltado a importância de se estudar mais sobre o assunto e produzir materiais para novas pesquisas, afinal ainda existe tabus que precisam ser quebrados, e não devem prevalecer para que não se torne um obstáculo para liberdade do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, Ivo Manuel Borges; RODRIGUES, Vitor Manuel Costa Pereira; ANTUNES, Maria Cristina Quintas. Cultura organizacional da família como preditor das atitudes e comportamentos sexuais em adolescentes. *Revista de Enfermagem Referência Série IV - n.º 6 - jul./ago./set. 2015.*

CARRARA, Sérgio. *Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo*, Rio de Janeiro, 2015.

CARVALHO, Cristiana Pereira de et al. Conhecimentos sobre sexualidade: Construção e validação de um instrumento de avaliação para adolescentes em contexto escolar. *Revista Portuguesa de Educação*, 2017, 30(2), pp. 249-274 doi:10.21814/rpe.9032 © 2017, CIED - Universidade do Minho.

CARVALHO, Marcos Castro; SIVORI, Horacio Federico Sívori. Ensino religioso, gênero e sexualidade na política educacional brasileira. *cadernos pagu* (50), 2017.

CERQUEIRA, Elizabeth Kipman. *Sexualidade, gênero e desafios bioéticos*. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011. ISBN 9788578080815.

COUTO, Pablo Luiz Santos et al. Significados a respeito da prevenção ao HIV/ aids e da sexualidade para jovens católicos. *Revista Gaúcha de enfermagem*, 2017.

DIAS, Michelly Kallyne Neves; ZANDONADI, Antônio Carlos Zandonadi. O papel da família e da escola: processo de educação sexual dos filhos. *Revista FAROL – Rolim de Moura – RO*, v. 7, n. 7, p. 132-143, ago./2018.

DIEHL, Alessandra; VIEIRA, Denise Leite. *Sexualidade: do Prazer ao Sofrer*. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca: [s. n.], 2017. ISBN 9788527730914.

FERREIRA, Carla Ferreira; Ferreira, Helena; ALVES, Marta; TAVARES, Claudia; MACEDO, Liliana; DIAS, Ângela. Estudo PaSeFi: o que ensinam os pais sobre sexualidade aos seus filhos. *Guimarães, Portugal. Nascer e Crescer – Birth and Growth Medical Journal* 2017; 26(3): 164-70

FLICK, U. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009a. FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel Foucault. *História da sexualidade a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 1998. ISBN 77-0459 577.8.001.

GAMSON, J. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016. ISBN 9788522451425

GOMES FILHO, Antoniel Dos Santos. Corpo, Sexo, Gênero e Biopolítica. In: EPISTEMOLOGIA em confronto no direito. In: MELO, M. A. S.; GOMES FILHO, A. S.; QUEIROZ, Z. F. (Orgs.). EPISTEMOLOGIAS EM CONFRONTO NO DIREITO: reinvenções, ressignificações e representações a partir da interdisciplinaridade. Curitiba: Editora CRV, 2017.

GOMES, Nilvete Soares; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Sexualidade e Suas vicissitudes na escolha de vida religiosa consagrada. *Psicologia & Sociedade*, Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil, 2015.

HOHENDORFF, Jean Von. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: KOLLER, Sílvia H.; COUTO, Maria Clara P. de Paula.; HOHENDORFF, Jean Von. (Orgs.). *Manual de Produção Científica*. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEITE, Kelma Lima Cardoso. Implicações da moral religiosa e dos pressupostos científicos na construção das representações do corpo e da sexualidade femininos no Brasil. *Cadernos pagu* (49), 2017:e174922 ISSN 1809-4449

LUIZ, Karla Garcia; NUERNBERG, Adriano Henrique. A sexualidade da pessoa com deficiência nas capas da Revista. *Revista de Psicologia*, v. 30, n. 1, p. 58-65, jan.-abr. 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MOISES, Irene Jamba Inakulo. Influência da família e da escola na educação sexual dos alunos. *Revista Órbita Pedagógica*. Publicação arbitrada quadrimestral. Vol. 6, Ano 2019.

MONTEIRO, Simone Souza et al. Discursos sobre sexualidade em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA): diálogos possíveis entre profissionais e usuários. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro 19(1):137-146, 2014.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth D. *Desenvolvimento humano*. Artmed editora, 2013.

RÊGO, Maria Helena; CAVALCANTI, Alessandra; MAIA, Eulália. Resiliência e gravidez na adolescência: uma revisão integrativa. *PSICOLOGIA, SAÚDE & DOENÇAS*, Natal, RN, 2018.

ROSAS, Nina. Heterossexualidade e Homossexualidade: prescrições sobre o uso do Corpo das mulheres evangélicas. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 38(2): 176-197, 2018.

SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 22, n. 1, p. 33-41, 2005.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos; PARANAHYBA, Jordana de Castro Balduino. Sexualidade e gênero(s): debates e desafios no estágio de licenciatura em psicologia, [s. l.], v. 22, 2018.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro; ARPINI, Dorian Monica. A Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes. *psicologia: ciência e profissão* jan/mar. 2016, Vol.36 nº 1, 130-144.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro; ARPINI, Dorian Mônica. Olhares de mães de grupos populares sobre a educação sexual de filhos adolescentes. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 08-29, 2018.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.

SILVA, Cristiane Gonçalves da; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira. *Encontros com a diferença na formação de profissionais de saúde: juventudes, sexualidades e gêneros na escola*, São Paulo, 2018.

SILVA, Trycia Ryane de Freitas et al. Representações dos estudantes de enfermagem sobre sexualidade: entre estereótipos e tabus. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro 2019.

SILVEIRA, Gabriella Franzoni da Silveira et al. Produção científica da área da saúde sobre a sexualidade humana. *Saúde Soc.* São Paulo, v.23, n.1, p.302-312, 2014.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan./fev. 2019

SPINOLA, Mara Cristiany Rodrigues; BÉRIA, Jorge Umberto; SCHERMANN, Lígia Braun. Fatores associados à iniciação sexual em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre/RS, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(11):3755-3762, 2017.

TAQUETTE, Stella Regina; RODRIGUES, Adriana de Oliveira; BORTOLOTTI, Livia Rocha Bortolotti. Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo feminino: um estudo qualitativo. *Rev Panam Salud Publica.* 2015;37(4/5):324–9.

VIEIRA, Kay Francis Leal et al. Representação Social das Relações Sexuais: um Estudo Transgeracional entre Mulheres. *Psicologia: Ciência e Profissão* Abr/Jun. 2016 v. 36 nº2, 329-340.

XAVIER, Mailza Ferreira et al. *Psicologia do desenvolvimento*. 4. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015.